

Vanessa Curci

**Reflexões Sobre as Diferentes Relações entre Público e Museus  
na Cidade de São Paulo**

CELACC/ECA-USP

2009

Vanessa Curci

**Reflexões Sobre as Diferentes Relações entre Público e Museus  
na Cidade de São Paulo**

**Trabalho de conclusão do curso de pós-  
graduação em Gestão de Projetos Culturais e  
Organização de Eventos produzido sob  
orientação da Professora Fabiana Amaral.**

## Resumo

Este estudo tem a finalidade de mostrar as diferentes relações que o público tem com a instituição “Museu”. Fala sobre o conservadorismo e erudição com que é apresentado o processo histórico de uma nação no Museu Paulista da Universidade de São Paulo e atravessando esta maneira tradicional de mostrar a história encontra-se o Museu Afro Brasil e toda sua contemporaneidade e modo de evidenciar elementos esquecidos pela história oficial. Em meio a estes dois pólos observamos a cultura oferecida como produto de consumo acontecendo com muita frequência na Pinacoteca do Estado de São Paulo. Mostra, também, um breve resumo sobre o desenvolvimento do órgão “Museu” desde o seu surgimento até os dias de hoje.

**Palavras-chaves: Museu, História, Erudição, Tradicional, Contemporaneidade.**

## **Abstract**

This study aims to show the different relationships that the public has with the institution "Museum". Talk about conservatism and scholarship that is lodged with the historical process of a nation in the São Paulo Museum of the University of Sao Paulo and through this traditional way of showing the history is the Museum of Afro Brazil and all its contemporary and way of evidencing that had been forgotten by official history. In the midst of these two poles we observe the culture offered as a product of consumption happening very often in the Pinacoteca do Estado de Sao Paulo. It also shows a brief summary of organ development "Museum" from its inception until the present day.

**Keywords: Museum, History, Lore, Traditional, Contemporary.**

## **Resumen**

Este estudio tiene como objetivo mostrar las distintas relaciones que el público tiene con la institución "Museo". Hable acerca de conservadurismo y de becas que se ha presentado al proceso histórico de una nación en el Museo de São Paulo de la Universidad de Sao Paulo y a través de esta forma tradicional de mostrar la historia es el Museo Afro Brasil y de todos sus contemporáneos y la manera de evidenciar que había sido olvidado por la historia oficial. En medio de estos dos polos se observa la cultura se ofrece como un producto de consumo ocurre muy a menudo en la Pinacoteca do Estado de Sao Paulo. También muestra un breve resumen del desarrollo de los órganos "Museo" desde sus inicios hasta la actualidad.

**Palabras clave: Museo, Historia, Lore, tradicional y contemporáneo.**

## **Introdução**

Este trabalho teve a finalidade de refletir sobre o distanciamento que há entre o público e o museu tradicional e sua forma conservadora de efetuar a curadoria, limitando o termo “cultura” a ser confundido com erudição e acúmulo de conhecimento, como por exemplo, no Museu Paulista da Universidade de São Paulo com sua tradicionalidade e imponência, observa-se que a história a que se dá importância é a oficial onde é relatada de forma linear.

Atravessando esse conservadorismo e erudição, aparecendo com sua contemporaneidade e maneira cíclica de apresentar esta história, figura o Museu Afro Brasil, com seu trabalho de interação com o público e exibição de outro processo histórico, ampliando o sentido da palavra “cultura”.

Cita também as experiências grandiosas e espetacularizantes que acontecem na Pinacoteca do Estado de São Paulo, com sua apresentação mais voltada para a ideia de consumo de cultura.

Para entender um pouco como se desenvolveu esse percurso e como surgiram essas diferenças, este estudo traça um breve resumo do surgimento da palavra museu até a forma como se organiza e administra este órgão até os dias de hoje.

Como pano de fundo está a cidade de São Paulo, com suas características tão conhecidas e atuantes em uma megalópole, seus atos consumistas, globalização e grande desenvolvimento das tecnologias.

## O Processo de Erudição Presente nos Museus

A cidade de São Paulo é um dos maiores aglomerados urbanos do mundo, é o principal centro financeiro, corporativo e mercantil da América Latina. A cultura em uma cidade como São Paulo é bastante heterogênea e mestiça, formada pela influência de africanos, europeus e povos indígenas. Como toda metrópole, há um grande apelo ao consumo, além do desenvolvimento desenfreado da tecnologia e seu uso na comunicação e cultura:

*A metrópole é o território definitivo da comunicação, porém, mais reiteradamente consumida do que exaurida na sua capacidade informativa. A metrópole se agiganta em verticalidade e em exuberância expositiva e se transforma em uma vitrine avassaladora de formas e materiais, de imagens e imaginários não vividos, porém consumidos. (FERRARA, 2008, p00)*

Em uma megalópole como São Paulo o encontro com estranhos é inevitável em espaços públicos ou institucionalizados, este trabalho fala mais especialmente dos museus, onde este encontro é menos direto, já que nos museus os atos são muito mais individuais.

É certo que o museu tem a grande função de guarda do patrimônio, da história, além de ser em si já um patrimônio da cidade, ou do bairro; o lugar onde se deve mostrar como são as pessoas do local, ou onde o turista vai para conhecer melhor os habitantes da região através do conhecimento da sua história, de sua formação e de sua produção.

É também, muito mais um lugar de ação solitária, onde a principal atividade é a absorção e seu procedimento em consumir alguma coisa: a idéia de um artista, a história que se propõem a contar, objetos que alguém definiu como importantes, que devem ser conhecidos e considerados célebres. Quem estiver no museu e queira quebrar este

protocolo geralmente é visto como um intruso, as pessoas que conversam nesses lugares geralmente já levam a sua companhia de casa, embora não haja a necessidade de purificação, não haja o medo do outro.

*O templo do consumo bem supervisionado, apropriadamente vigiado e guardado é uma ilha de ordem, livre de mendigos, desocupados, assaltantes e traficantes — pelo menos é o que se espera e supõe. As pessoas não vão para esses templos para conversar ou socializar. Levam com elas qualquer companhia de que queiram gozar (ou tolerem), como os caracóis levam suas casas. (BAUMAN, 2001:116)*

Em entrevista a cidadãos da cidade de São Paulo, sobre a frequência em que vão a museus e qual o motivo, mediante tal pergunta, houve a resposta: *Você vai a Museus? Por quê? Raramente vou ao museu por falta de companhia interessada neste tipo de passeio. (Como afirma Michele C. V. A., 24 anos, Bancária); entrevista concedida em 05/08/2009.*

O Museu que tenha um estilo conservador de curadoria intimida o público, com seus seguranças sisudos ou seus alarmes sonoros que detectam o menor movimento, as pessoas não se sentem confortáveis, pois apesar deste museu ser um lugar onde se conta a história de um povo, de um local ou mesmo de um acontecimento não é um lugar que aproxima, onde as pessoas possam construir uma relação de identidade, o público só recebe informações e não expressa suas impressões.

O curador de um Museu tem o poder de transformar um espaço determinado, dar outra significação, mudar o sentido do lugar dando outra conotação, mudando o clima e maneira de se relacionar a este espaço, ele pode transmutar qualquer ambiente:

*Originalmente, designava o processo de organização e montagem da exposição pública de um conjunto de obras de um artista ou conjunto de artistas. Cabia ao curador tratar de todos os detalhes necessários à operação... Uma alteração sensível na função do curador ocorreu a partir do momento em que lhe foi concebida ou reconhecida a tarefa de determinar o “tema” inspirador de uma exposição... Esta transformação*

*acompanha a tendência recente, pós-moderna, de valorizar o crítico e o historiador de arte e de colocá-lo em pé de igualdade com o artista – e não raramente em posição superior. (Coelho, 1997: p.141)*

Na contra corrente de toda essa erudição que há nos museus com seu estilo tradicional ou conservador encontra-se O museu Afro Brasil. Este Museu conta o que estava acontecendo na vida do povo enquanto os "grandes personagens" de história decidiam seus futuros. Pode-se ver os tipos regionais, o negro principalmente e suas funções sociais, não só isso como também muito da história do Brasil, e de sua formação a partir do tráfico de africanos para o Brasil, suas dificuldades e conseqüências, em especial a miscigenação e a cultura tão híbrida que se formou a partir daí.

### **Breve Histórico Sobre a Criação de Museus até Sua Função nos Dias de Hoje**

A palavra "museu" vem da Grécia, onde existiam os Mouseion, era um local que tinha função de templo, conhecido como o "Templo das Nove Musas", era um lugar destinado a reflexões e estudos científicos, filosóficos e artísticos.

Nos séculos XV e XVI propagaram-se os "Gabinetes de Curiosidades" com coleções formadas por estudiosos viajantes que compunham seu repertório com espécies das mais variadas e objetos exóticos vindos dos mais diversos lugares, com o tempo foram se organizando, deixando de ser um lugar de curiosidade e se transformando cada vez mais em um lugar de pesquisa. Nestes lugares a apreciação era restrita ao proprietário e seus convidados.

A concepção de museu que têm-se hoje se consolidou na época da Revolução Francesa na Europa, onde era concebido dentro de idéia de proteção do patrimônio nacional.

No Brasil, no século XIX foram criados o Museu Nacional em 1818, que tinha como prioridade a ação enciclopédica, o Museu Paraense Emilio Goeldi em 1866 e o Museu Paulista em 1894, ambos eram o modelo de museu etnográfico, dedicado à pesquisa em ciências naturais.

Foi em 1922 com a criação do Museu Histórico Nacional que houve um rompimento com a tradição enciclopédica para dar início a um novo modelo, consagrando a história, a pátria e, desta maneira, formar uma representação nacional através da cultura material. O principal objetivo era educar o povo remetendo à tradição e à formação cívica, legitimando a história oficial, porém era um lugar voltado para a elite.

Com o desenvolvimento das idéias modernistas que se afastava da dependência de uma cultura oficial para dar realce às singularidades nacionais, vistas por viagens por todo o território nacional, genuinamente brasileiras, Mario de Andrade veio com uma proposta de museu como local de preservação da cultura do povo e com função educativa, mas esta vontade ficou apenas no campo das ideias.

Somente em 1979 com Aloísio Magalhães na direção do IPHAN é que começaram a reconhecer a diversidade cultural do país e grupos étnicos passaram a fazer parte de um trabalho de preservação, desta forma, deixaram de ser vistos apenas como objetos de estudo passando a ser produtores de cultura e sujeitos da história.

Os museus deixam de ser lugares dedicados somente as culturas de elite, aos personagens excepcionais e começam a dar espaço as questões da vida cotidiana.

Hoje os museus são reféns do mercado, dependentes principalmente de leis de incentivo, que se por um lado é uma alternativa legítima e pode ser considerada bem sucedida, até porque não há outra forma de sustentação tão efetiva quanto, por outro lado os museus tiveram que se adequar a realidade mercadológica onde a cultura é mero objeto de consumo, a função educativa e social ficam em segundo plano.

### **Percepções a Partir da Análise de Museus na Cidade da São Paulo.**

Em entrevista com cidadãos conhecedores da cidade de São Paulo, e em sua maioria moradores da cidade e inquiridos sobre o que representa o lugar “museu” pessoas de diferentes idades, sexo e profissão vêem o museu como um lugar onde se vai de encontro com a história e a cultura, neste caso a cultura tem significado de maior conhecimento ou conhecimento erudito, é também um local onde encontra-se arte e manifestações artísticas, este museu, especificamente, tem sentido de lugar lúdico. Como pode-se observar nos depoimentos a seguir:

*Em entrevista a cidadãos da cidade de São Paulo, sobre o que o museu representa, pessoalmente, mediante tal pergunta, houve a resposta: O que o museu representa? Um lugar onde podemos vislumbrar várias manifestações artísticas e aprimorar a nossa cultura. (Como afirma Renata P. H., 47 anos, Psicóloga); entrevista concedida em 05/08/2009.*

ou ainda:

*Representa uma coletânea de informações que delineiam o passado e tentam explicar o presente. Principalmente os museus históricos e os ligados a arqueologia. Os museus de arte tem a particularidade de além de ajudar nas informações do passado criar também um bem estar espiritual (ou não) da imagem que estamos observando. ( Como afirma Marli L.S. 48 anos, engenheira); entrevista concedida em 05/08/2009.*

Em visita a três museus na cidade de São Paulo com características diferentes, formando um comparativo entre eles e levando em consideração a Filosofia da Práxis apresentada por Gramsci, observa-se que o Museu Paulista da Universidade de São Paulo, popularmente conhecido como Museu do Ipiranga tem características bem formais, é o local onde se conta a história oficial, aquela que conhecesse dos livros da escola, com seus reis, princesas e imperadores. A história é contada de forma linear.

Foi construído para homenagear a ocasião da Independência do Brasil e sua inauguração foi na data da celebração de um ano de Proclamação da República. Sua arquitetura imponente, seu jardim projetado, a sua “monumentalidade” e seu cercamento não dão a sensação de acolhimento, tampouco convida o público a entrar, ao contrário, sua construção inspira muito respeito, serve para ser contemplado.

Fica localizado em um bairro de classe média, muito perto do centro, distante da realidade dos que vivem na periferia. Fica circundado por grandes avenidas onde pessoas passam apressadas dentro de seus carros ou de ônibus. É o museu mais conhecido pelos cidadãos paulistas, mas a maioria das pessoas foi a este museu junto com a escola, justamente para conhecer os objetos que fizeram parte da história oficial.

Em entrevista a cidadãos da cidade de São Paulo, sobre a frequência em que vão a museus e qual o motivo, mediante tal pergunta, houve a resposta: *Você vai a Museus? Por quê? Vou pra atualizar meus conhecimentos e principalmente para lecionar.* (Thays C. 36 anos, professora de arte); *entrevista concedida em 05/08/2009.*

Em contraponto a esta realidade está o Museu Afro Brasil. Sua localização, no meio do parque do Ibirapuera, cercado de outras atividades e de pessoas de todas as idades, convida à sua entrada, o público se sente perto do museu. A frequência é principalmente formada por um público informal, atraído por questões da contemporaneidade.

Percebe-se que neste museu a história não é apresentada de forma linear como acontece no Museu Paulista da Universidade de São Paulo, ao contrário, expõe a história de forma cíclica, pois aborda também os problemas atuais, presentes na sociedade. As questões da atualidade podem melhor serem entendidas através do conhecimento de fatos passados que a todo o momento se impõe como problemas ainda muito atuais.

Em sua programação anual há interatividade, promovida por encontros para debates a respeito das questões étnico-raciais mais as reflexões culturais e sociais que sobrevivem disso, com os chamados “Jogos Interativos”, que foram criados para simplificar a relação e o entendimento dos jovens com os conteúdos das exposições e eventos, além da maneira abordada pelos educadores em visitas guiadas onde a orientação é feita por meio de “contação de história”.

Em meio a grande diferença de apresentação que existe entre o Museu Paulista da Universidade de São Paulo e o Museu Afro Brasil, onde no primeiro observa-se a história oficial, e se conserva ainda antigos métodos de organização e o segundo mostra uma história mais próxima e de maior identificação com o público, principalmente por sua ação interativa, há ainda um outro lugar analisado, um museu mais direcionado a arte, a Pinacoteca do Estado de São Paulo.

A Pinacoteca do Estado de São Paulo é o lugar das grandes exposições, com muita divulgação onde se atrai milhares de pessoa para a mesma mostra, inclusive pessoa que não estão acostumadas a frequentar o local, vão somente pelo impacto causado pela propaganda. O avanço das tecnologias, principalmente a internet, torna o trabalho de divulgação mais barato e mais abrangente.

O patrimônio e a cultura são “espetacularizados”, as pessoas realmente vão para consumir a cultura, não há espaço para a interação social real. Essa prática dá pouco espaço para o encontro entre as pessoas, até porque o público não tem tempo suficiente nem para a apreciação, pois devido ao grande número de visitantes a passada deve ser mais rápida, para que tenha espaço para mais pessoas entrarem gerando mais dinheiro com a arrecadação vinda do preço cobrado pela entrada.

Fica localizada muito próxima do centro da cidade, bem perto de uma região conhecida como “cracolândia”. É uma região onde há uma grande discussão a respeito da revitalização do local, todavia, percebe-se uma excessiva aflição que está muito mais ligada a simples “limpeza do local”, uma purificação, uma grande vontade de eliminar aquilo que deixa feio o lugar, como se houvesse a necessidade de livrar a região do que é estranho, daquilo que não se encaixa num modelo determinado, do que a uma preocupação real em conscientizar, educar e melhorar a vida dos que vivem no entorno, aumentando a segurança e a qualidade de vida, trabalho que em si já resultaria na revitalização e preservação do local, com a diferença que seria mais justa:

*A pureza é uma visão das coisas colocadas em lugares diferentes dos que elas ocupariam, se não fossem levadas a se mudar para outro, impulsionadas, arrastadas ou incitadas; e é uma visão de ordem – isto é, de uma situação em que cada coisa se acha em seu justo lugar e em nenhum outro. Não há nenhum meio de pensar sobre a pureza sem ter uma imagem da “ordem”, sem atribuir às coisas seus lugares “justos” e “convenientes” – que ocorre serem aqueles lugares que elas preencheriam “naturalmente”, por sua livre vontade. O oposto da “pureza” – o sujo, o imundo, os “agentes poluidores” – são coisas “forma do lugar”. (BAUMAN, 1998: p. 14),*

## Considerações Finais

O museu é compreendido como patrimônio e local de contemplação, mas para que a idéia de patrimônio faça sentido é preciso que as pessoas se vejam ali e se reconheçam como parte daquilo, que considere os objetos como parte de sua cultura e de sua história, porém toda cidade globalizada segue um mesmo modelo, importando arquiteturas e formas de organização patrimonial, o que vai contra o processo de identificação.

Os museus, com sua apresentação erudita, correspondem à regra desta globalização injusta, onde o subalterno somente recebe informações e não tem espaço para se expressar ou considerar suas impressões, vale notar que na falta de apoio que o trabalho de curadoria conservadora dá às pessoas não há intenção de aproximá-las, criando raízes, e identificação a partir de ato de se reconhecer no outro, ou mesmo como parte do que está sendo visto na exposição.

Equivocadamente, basta estar em uma exposição, simplesmente absorver um monte de informações, e somente guardar aquilo para si, como se fosse o maior tesouro, que é o conhecimento, o saber apenas, gerado pelo simples ato de receber a mensagem sem a oportunidade de questionamento, a pessoa se sentem satisfeita em ver, não há a necessidade de interagir com o outro, de enxergar as diferentes interpretações que ele faz do mesmo objeto, gerando assim discussões e troca.

É tarefa dos museus tirar as pessoas dessa zona de conforto, dessa posição receptiva, criando ambientes mais interativos, onde o visitante possa não ser mero espectador, mas também o sujeito em uma ação. Onde a exposição não seja um simples show, mas que haja espaço para encontros e trocas, assim como vem acontecendo no

Museu Afro Brasil, com sua iniciativa não somente de mostrar outros aspectos da história, tão importantes quanto os fatos oficiais, mas também o modo de organização das ações educativas com proposta de aproximação da comunidade, o que gera, inclusive, um sentido cívico, pois desenvolve o sentimento de pertencimento do local.

É útil gerar circunstância de relacionamento, onde o observador possa também ser observado e reconhecido como um agente, e sua opinião possa ser objeto de discussão e formação de outras opiniões, desenvolvendo um local onde a cultura possa ser vivenciada, pensada e não apenas consumida como um objeto qualquer que se tenha o direito de adquirir, não há como criar reflexões a cerca da cultura, da diversidade cultural ou mesmo criar uma identidade cultural sem a troca de entendimento sobre os costumes alheios ou sem o reconhecimento de si mesmo no outro.

## **Bibliografia:**

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Jorge Zahar Editor, 2001

\_\_\_\_\_ **O Mal Estar da Pós- Modernidade**. Jorge Zahar Editor, 1998

COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. São Paulo. Iluminuras. 1999

FERREIRA, Maria Nazareth. **Alternativas Metodológicas Para a Produção Científica**. São Paulo: CELLAC, 2006

FERRARA, Lucrecia D' Alessio. **Comunicação, Espaço, Cultura**. São Paulo: Annablume, 2008.

JEUDY, Henry Pierre. **Espelho das Cidades**. Ed. Casa da Palavra. 2005

RUBINO, Silvana. **O Mapa do Brasil Passado**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, nº24, 1996

SANTOS, Milton. **Por Uma Outra Globalização**. Editora Record. 2000

SANTOS, M. Célia Teixeira Moura. **O papel dos Museus na Construção de uma Identidade Nacional**. Anais do Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro, V.28. 1996

SEMERARO, Giovanni. **Gramsci e os Novos Embates da Filosofia da Práxis**. Aparecida: Idéias e Letras, 2006

SUANO, Marlene. **O que É Museu**. São Paulo. Brasiliense. 1986